

# ***NOMEIO A VIDA***

Livro 80

*Escritos do eu*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



Roberto Curi Hallal



## ***QUANTAS PALAVRAS***

Embora nenhum de nós tenha dito uma só palavra, quantas palavras seriam suficientes para dizer tanto quanto o silencio que tudo diz por nós, os descendentes.



## ***CADA VEZ***

Cada vez que penso até sempre, nossos corpos distantes se contentaram em sonhar que se cuidavam e nossas sombras se deram as mãos e foram dormir juntas. Sou um sonhador que não te pode dar o que mereces e te pede o que não sabe receber, então entre um alisar e uma saudade quero saber da tua vida acenando para a janela vazia parecendo prever uma partida sem compromissos.

## ***SINGULAR***

Essa singular coincidência de comparar diferenças me fez encontrar um personagem que vivia rondando os telhados e meus fins de semana inverniais e minhas noites vazias. A alma mal vestida e suja estreitava pedidos, quase esmolas. Atrevidas, as carências tentaram entrar na minha vida buscando ar na respiração e inventando um sangue iniciante para meu corpo cansado de notícias e decepções.



## ***NECESSITO***

Necessito mais que orações, necessito corações dispostos a oferecer uma reprodução sincera, afetos que não se envergonhem de existir. Necessito mais que clemência e proteção das faltas alheias e das minhas. Necessito dores acessórias para oferecer até que as minhas doam menos e possa seguir suportando as dores daqueles que as causam. Necessito testar se só doem em mim ou se a natureza faz rugir intensos incômodos no mundo dos outros.

## ***PRÊMIO***

Como um supremo prêmio, deixei um beijo de despedida escrito numa pedra. Algo que nunca escrevi e nem imaginei. Todas as tardes me sento ali entre a ternura e a crueldade. Quebrando a mudez dou um passeio pelas ideias que vem me visitar, damos um passeio rompendo a solidão, falamos de afetos e desafetos, do infantilismo perpetuo que os humanos carregam como destino auto cumprido.



## ***DORMIR PROFUNDO***

Despertei de um dormir profundo, sem sonhos, sem personagens, sem culpas. Não tenho tempo a perder, me olho ao espelho causando-me uma impressão favorável. É uma lastima que esses falsos indicadores insistam em ser efêmeros.

## ***NOSSO MUNDO***

Que estranho o nosso mundo. Quero minhas ilusões de volta, com a cara de antes, com o sorriso doce de antes, com os olhos sinceros que falavam de amores. Quero o mundo com amores profundos, com tudo, o principal e o acessório. Sem precisar entender nada que me distanciasse de sorrisos esperados, palavras confirmatórias e amores profundos.



## ***PENSEI***

Pensei que viemos de viagem pela vida fazendo parte de um sistema de rodízio, as substituições programadas para serem seletivamente positivas, embora nem sempre o acaso tenha cumpra o mesmo fim. A cadência mudou, aumentaram os ruídos, a mentira foi contada como verdade, os sentidos das palavras corrompido. A vida afetiva foi sendo abandonada. Não saberia dizer se o mundo que eu conheço ficou estrangeiro ou minha inércia deixou passar e eu nada disso percebi em alienada harmonia.

## ***BUSCO***

Francamente necessito respostas que não avalio, busco algo entre a inquietude e o sossego, sem olhar para cima ou para baixo, mantendo a cabeça erguida sem euforia e a cabeça baixa sem melancolia.



## ***FINJO***

Quando me faltou sentido para todos os absurdos, comoventes lembranças se transformaram, elas voaram como pássaros por cima da minha realidade e pousaram como o olhar com que finjo encontrar todas as respostas antropológicas que o Mediterrâneo guarda.

## ***TENTO***

Quando meu braço busca escrever poesias, minha mão vazia despenca invenções que me perdoam a falta de inspiração e mudam o rumo das minhas intenções como se soubessem meu destino. Tento imaginar minhas reações, mas como de costume obedeco às vozes interiores que me convidam a calar-me em palavras e explodir em emoções. O bem com que te ofereço as minhas mãos, busca te dar uma resposta que condensem o alô e o adeus.



## ***FAÇANHA***

Detenho-me, estranho aquele que lembro haver sido. Isso significa que tenho algo para recuperar. O que alguma vez me fez imensamente vivo, invade meu descanso contemplativo. Considero a tentação uma façanha.

## ***AVISAREI***

Não sei quando e por onde começar a graça e onde parar a contradição. Avisarei, quando fugir dessas regras que me impedem a celebração.



## ***BEIJOS ADIADOS***

Amontoei beijos adiados, mágoas encravadas, uma enorme vida que serve de motivação para alguma diversão íntima, assim dói menos. Amparo necessidades, porto vantagens, desapego-me do impulso de ser triste, renovo a versão por onde escoam meus sonhos.

## ***SAIO DO ABRIGO***

Saio do abrigo para ser adulto, provar os doces gozos prometidos, negociar os caprichos negados, disfarçar os vícios, chamar os efêmeros momentos, ver os anjos cansados, a escassez de sonhos, o desembolso das últimas esperanças, as formas desesperadas, as falhas dos milagres, as vinganças onipresentes, o difundido desprezo pelo outro.



## ***QUERO CERTEZAS***

Estremecem minhas certezas afetadas por dúvidas espessas. Estalam os riscos, os ossos, rangem portas, articulações, o que já vivi faz oportuno esse enfrentamento. Eis ao que me refiro: é como se eu estivesse clamando por atualização e autorização.

## *AVISAREI*

Não sei quando e por onde começar a graça e onde parar a contradição. Avisarei, quando fugir dessas regras que me impedem a celebração.



## *ARTE DE OCASIÃO*

Então, a dúvida que em mim aflorou reintegrou a suavidade que fez tolerante as diferenças, aliviou o peso que obrigava ao acerto sem erro, permitiu que a ética se livrasse da moral e os segredos se dessem a conhecer. Finalmente, corriji alguma fragilidade, deixei na imaginação os temores que não eram meus. Descansei minha inquieta consciência.

## ***DEIXO AS MARCAS***

Em harmonia com a Natureza, faço-me sensível às graças e aos reconhecimentos e me restauro, aprendendo a ter novas forças, a economizar expectativas.



## ***NOMEIO A VIDA***

Nomeio a vida como minha amada, falta-me guardar força para aumentar o volume do risco e cultivar seus arredores, mas receio os perigos.

## ***TEMPO PERDIDO***

Ganhar o tempo perdido, ganhar o amor e a graça, conhecer uma mulher que trago no espírito, ampliar as montanhas e umedecer a planta seca, saber que não ganhei só isso, merecer mais do que recebo, esperar uma visita fora de hora e de costume, crescer a estante, murmurar o ódio em tom plangente, fazer o romance ganhar altura, levar a passear o dia que termina, cuidar do desconsolo livre e do consolo ocupado.



## ***DISPENSA***

Dispensar os restos disponíveis, a ordem obrigada, não é questão do que se tem ou não se tem. Entre compras, vendas e descartes aborrece viver sempre igual. O destino está aqui sendo divulgando, e eu não sei mais o que fazer; sou avisado que ele não volta atrás; chega de uma única vez, revestido de dúvidas, alterando previsões.

## ***PRAZO VENCIDO***

Ando buscando amor, estará ele em algum lugar?  
penso que o amor não está mais em todos os lugares.



## ***NÃO QUERO***

Não quero compreender as necessidades alheias, aconselhar quem não me peça ajuda, pretender ser melhor que o outro. Não quero concordar com aquele em quem não acredito, nem homenagear o arrogante, suportar os soberbos, relevar a indignação, omitir as injustiças, dar campo ao inoportuno, alimentar os viciados, tirar proveito da dor alheia, caçoar do humilhado e o envergonhado, enganar o ingênuo, apropriar-me da pilhéria, abster-me de pagar o preço.

## ***O TEMPO NÃO TOLERA***

Quando o tempo não nos tolera, desobriga-se de servir-nos e passa a ocupar-nos, de empregar suas exigências em coisas que antes eram despercebidas. Mete-se na velocidade dos passos, nas cerimônias do uso de garfo, no segurar da xícara, na memória sempre indisponível. Depois, o tempo nos chama à generosidade, à escuta, à calma; reprova o alimento duro e admite a doença, as cerimônias crônicas, os caprichos que fazem com que a alma perca a nobreza e os prazeres permaneçam fora dos seus lugares habituais. Demite corpos, direitos, sonhos, anos por vir.



## ***AMORES INQUIETOS***

Desconheço a casa dos amores inquietos, ainda que queira fazer-lhes companhia, tirar-lhes a pressa. Enfeitaria o que tenho de pior para inverter o medo e não mais dele afastar-me. Guardaria os sustos,

anunciaria o risco, suavizaria o desassossego, acalmaria o desespero. Pediria perdão e revisão ao erro, impregnar-me-ia da vida em todos os momentos, até adiar o definitivo, sendo o vulcão e a lava.



### ***DUPLO SENTIDO***

Para mim, é irrelevante se a realidade tem duplo sentido. Talvez eu não seja o plural que me imaginei. Limitado ao ar que me chega, com uma intimidade ocupada de angústias alheias e pertencentes, oscilo entre o que fui e o que sou. Perdi o passo, conheço mal o amanhã que me chegará, ainda não aprendi a me despedir da noite que recebe o dia quando se vai.

## ***NÃO SOU ESTE***

Este de hoje, não é o melhor de mim, já não sou aquele que te amou, que entregou por ti a vida. Este que sou não é aquele que cantava e encantava, cujo olhar brilhava ao entregar-te o dia livre. Este de hoje fragmenta versos, rebate as mentiras, cobra, duvida, exige recibo, observa, vê mais, valoriza o mérito, a consideração. Ao deixar de fumar, imagina ter negociado com o tempo. Este de hoje leva mais a sério o que constata, divide menos, é mais seletivo, sabe o que quer com a motivação convicta.



## ***PROMOÇÃO***

Vim para buscar mais do que inspiração, vocabulário e companhia. A cada dia suavizo o assombro com que a vida me chama, sedutora, convidativa. Misturada com a alegria, se faz patrimônio, aventura, presságio; disfarçada de alguém. Convida-me à noite passageira, à promoção de entradas e saídas, a apoios principais

e desistências acessórias; se intromete na minha paz, tornando-a inconveniente, me desperta cobrando excessos, tenta corrigir-me da falta de previsão, da perda de originalidade, da falta de abraços que me desorganiza.



### ***ESPERA SEGUINTE***

Empurrado à espera seguinte, pensei na obra incompleta com que passei me preocupando, pensei em me livrar da obrigação, da falta de agradecimento, do que deixei de viver. Não entrarei nos pormenores da luta de cada dia, mas o pão com manteiga foi o melhor, a paixão quase valeu a pena, os estados de ânimo foram variados. Os recursos por escassos e as vantagens sem força ficaram menores, os sentidos fora de si, adiaram as tentativas. Tudo circulando, diluindo-se, desencontrando-se. Os infernos iguais aos paraísos, a doçura sem estacionamento, o aprendizado corrente, o amor insistente, a alma transformada, os sonhos buscando colo.

## ***AFETOS ACUMULADOS***

Trarei uma nova esperança, investirei em um amparo há muito abandonado. Acalmarei os tormentos acumulados, as evasivas. Mudarei meus gestos, direi não ao desprezo, não te darei mais abraços tristes, esvaziados. Afastarei as indesejadas ocasiões, escutarei tua queixa melancólica, misturarei cuidados aplacando os escândalos, deixarei de poupar a vida, precipitarei um caudaloso futuro, tornando os arredores acumulados de afetos adiados.



## ***CAMINHOS***

Saio pelo caminho habitual dando passos perigosamente novos, reveladores da pressa com que me dirijo a te encontrar. Como se não bastasse esse meu costume de te querer, avanço perdendo a calma, transgredindo aquele pedido de ser cortês ao apropriar-me do espaço do teu universo.

## ***EU ME CONSTRUO***

Habitar meu espaço será o fundamento do meu existir. No uso pleno dos meus sentidos captarei o mundo que me cerca e dá significação ao meu ser. Preciso de luz que suscite presenças que confortem. Sem a ambição e o hábito de pertencer, arriscado a ganhar e a perder; hábil e frágil, buscando proteção no coletivo, simultâneo e concomitante, original e multifacetado, diverso e mesmo, acumulado e vazio. Vivendo nesse desconhecido e devastado território, regulamentado nos acessos e evitativo às presenças assustadoras. Demando espaço e tempo de que não disponho.



## ***DISPENSO AUXÍLIOS***

Desprendido de auxílios, disponho-me a não dizer tudo que me faz e desfaz insaciável. Tenho a memória cega e o medo do tropeço sem controle que não me convenha no passo seguinte. Há desafios atemporais que roubam o equilíbrio, o corpo contém o caráter irrevogável ancestralidade, curva-se vencido pela força gravitacional que o convida a ser pó sem contestação. De nada servirá minha acalorada reclamação.



Roberto Curi Hallal

